

FESTAS

NICOLINAS

VIMARANENSES

Pregão

Académico

Recitado em

5 - 12 - 1957

pelo aluno

Manuel Fernando Serra Moreira

U não sei que nefasta ansiedade,
Que doloroso mal estar profundo
Nos tortura sem dó, nem piedade,
Parecendo ter dado a volta ao Mundo!

Não sei que torva e agoirenta sina
Dir-se-ia poisar por sobre nós,
Como se fosse uma ave de rapina
Rasgando entranhas com ardor feroz!

Em tudo quanto vejo e que nos cerca
A mais intensa inquietação se estampa,
E peço a Deus o mundo se não perca
E a nossos pés se lhe não abra a campa!

Tudo corre apressado e se atropela
Numa constante e sôfrega vertigem,
Como se dentro de um barquinho à vela
Fugíssemos aos males que nos afligem!

E nesta febre pertinaz, sem tréguas,
Cansados já do piso das estradas,
Os homens tentam escalar mil léguas
Mesmo através de incríveis barricadas!

Quedo-me e fico atônito e perplexo,
Como se em meio desta confusão
Não visse mais que um pálido reflexo
Dum negro ponto de interrogação!

Não basta ao Homem percorrer o globo,
Abandonar a terra em que nasceu,
Pois mesmo até, com fígados de lobo,
Ele quer dominar o próprio céu!

Agora assim atravessando o espaço,
Já não duvida de chegar à Lua,
E mandar-nos, de lá, um grande abraço,
Em linguagem despreendida e nua!

Pelo tempo das áureas Descobertas,
Portugal encontrou os seus amores
Entre airosas janelas sempre abertas
Pelo génio dos seus Navegadores!

Mas os tempos mudaram pela base,
E na esteira de mais heróicos rumos,
Permita Deus o mundo não se arrase
Tudo envolvendo em tenebrosos fumos!

Neste desejo de rasgar fronteiras,
Rompendo fragas, destruindo escolhos,
De nada servem já as *passadeiras*
Que lhe põem diante de seus olhos...

Quer mais longe levar (isto é um facto)
O vaidoso troféu da sua fama,
E cruza o céu em aviões a jacto
Donde um comprido rasto se derrama!

Orgulhoso de si, tudo se apresta
Para o Homem causar maiores assombros,
Ainda que um dia, no apogeu da festa,
Tudo se extinga num montão de escombros!...

Portugal! Portugal! amo-te ainda
Como ao tempo em que a lira de Camões,
Naqueles versos de harmonia infinda
Fez palpar os nossos corações!

Os Valores não esquecem... muito embora
A' distância do tempo que os separam,
Os homens julguem desprezar agora
Aqueles que esta Pátria levantaram!

Heróis e Santos, todos Eles vivos
Permanecem nas páginas da História,
Servos humildes ou donzeis altivos
Coroados dos louros da vitória!

Por isso a Pátria os enaltece e louva,
Enquanto aqui neste ditoso Berço,
Mesmo já dentro da cidade nova
Existe ainda quem a cante em verso!

E se é certo que o próprio Nicolau
A todos nós amou, porque era Santo,
Que deste mundo, tão ingrato e mau,
Lhe chegue o eco deste humilde Canto!

Este brado de amor que em nós se ateia,
E nossas almas reanima e aquece,
Seja como o clangor de uma epopeia
Ou o suave murmúrio de uma prece!

Só o calor da Fé que tudo abraza,
Que de tantos milagres é capaz,
Nos poderá trazer na sua asa
Como num ramo de oliveira — a Paz!

Na Cadeira de Pedro, houve um Luzeiro
Que aqui nasceu, outrora, em Guimarães,
Antes de ver a luz o Rei Primeiro
Que no teu coração guardado tens!

Por todos nós ainda venerado
E' S. Dâmaso aquele nobre Exemplo
De tudo quanto deve ser amado,
Mesmo que seja num pequeno Templo!

O Passado renasce! A cada instante
Se levanta um Padrão que fala alto!
Colocando mais perto o céu distante
Dum mundo que anda sempre em sobressalto!

Mas é preciso não cruzar os braços
Depois de começar tão lindas obras,
E acabar o restauro desses Paços
Em que tu, Guimarães, vigor recobras!

É necessário não deixar oculto
Entre lodosos e gelados pingos,
O acendrado fervor do nosso culto,
Belo templo ogival de S. Domingos!

Ó Cidade velhinha! não me esqueço
De que a par de teus belos Monumentos,
Te envolveu uma onda de progresso
Assinalada em teus Melhoramentos!

Quem do Palácio da Justiça, avista
Por onde, agora, Guimarães te espalhas,
Mumadona terá ali à vista
A defender-te o resto das Muralhas!

Tudo isto se deve ao nobre esforço
Do Estado Novo e Câmara actual:
— A verdade é uma só (eu não a torço)
Para honra maior de Portugal!...

■ ■ ■

Ó donzelas de escol! Eu só queria
Dizer-Vos tudo o que minha alma sente!
E trazer-Vos um pouco da alegria
Dum coração que quer viver contente!

Nesta enfadonha e áspera incerteza
Que enerva a pobre Mocidade de hoje,
Sereis Vós esse oásis de Beleza,
Enquanto que ela Vos não deixa e foge!

Sereis Vós o canteiro mais florido
Onde a essência das rosas e dos cravos
Lembra aquele sorriso apeteçido
De que sempre seremos os escravos!

Nesta ânsia sem fim, que nos oprime
E nos enche de acerbos desenganos,
Sereis Vós essa graça que redime,
Neste mundo coberto de tiranos!

Para Nós um olhar, um só que seja,
E' qual favo de mel que os lábios toca,
Com a mesma doçura de quem beija
Entre sonhos de amor, a vossa boca!

Que a noite escura destas capas pretas
Que nos envolve com sombrio véu,
Encontre em vós as meigas Julietas,
E em mim talvez .. o último Romeu!

■ ■ ■

Rapariças das lides canseirosas,
Que eu vejo perpassar sempre garridas,
Ao longo dessas ruas, pressurosas
Em acudir às vossas duras lidas!

Vosso destino ninguém calca ou torce-o,
Mesmo tentadas numa rica montra ...
Mas livrai-Vos das garras do divórcio
E contra ele sêde sempre! Contra!

Vós vestis, afinal, como as Senhoras,
Pelos melhores e últimos modelos,
E se não tendes carta de doutoras
Não é por não doirdes os cabelos!

Vós tendes já em vossa casa um rádio
Para ouvir o que vai por aí além,
Pois sempre o vosso coração inváde-o
O mesmo anseio que há em nós, também!

Quando, por fim, se abrir à multidão
Essa tão ridentíssima Alameda,
Ireis todas com saias de balão,
Os braços nus e *cache-col* de seda!

■ ■ ■

Aqui fica o Pregão da Mocidade,
Como um ramo de cravos bem vermelhos,
A avivar, talvez, uma saudade
No peregrino coração dos Velhos!

Neste mundo tão cheio de defeitos,
Que só vive a pensar na guerra atômica,
Oxalá lhe não sofram os efeitos
Quem lhe dispensa a graça nada cómica!

Isto chega a causar um certo tédio
Mesmo a quem não sentiu a gripe-asiática,
E parece que o único remédio
Será, somente, a União Selvática!

E já que tudo agora são ruídos
Que se espalham no ar qual negro facho,
Companheiros da Luta, destemidos,
Deitai esses *satélites* cá abaixo!...

JERÓNIMO DE ALMEIDA